

UM DIA DE VERDADE

Neo One Eon

## Capítulo 1

Ele não sabia o porquê, mesmo assim voltava a acontecer. Não, ele realmente não sabia o motivo do eterno retorno de suas inquietudes passageiras, que nunca são e sempre estão e vice-versa. Os minutos pareciam horas e as horas que pareciam minutos, quando não segundos. Quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade, este e outros pensamentos e máximas ao mesmo tempo em que o encorajavam, igualmente assustavam, pelo menos um pouco. Era o máximo chegar a tais reflexões ou conclusões, mas também havia o risco disso ser o máximo onde ele pudesse chegar. E todo o esforço de uma vida? E todos os sonhos? E todo o planejamento? E todas aquelas ideias e ideais?

Sentia-se desconfortável. Sentia que talvez a única coisa que podia fazer em momentos como este era sentir e pensar. E a prática, pensava, como posso transformar a teoria em prática? Por que não consigo sair do campo das ideias? Esses questionamentos visivelmente o perturbavam, sentia-se confuso, com aquela incômoda sensação de impotência que só os bravos conseguem sentir. E neste exato momento ele ouviu ao longe uma voz bem familiar...

Diana era jovem e apesar de tudo ainda precisava de seus cuidados. De vez em quando rogava por sua atenção, mesmo sem dizer uma palavra sequer; bastava sua presença escondida, o seu olhar de soslaio fingindo desinteresse, que já se percebia sua súplica, o seu grito mudo. Ele fazia o que podia, mas sentia que não era o suficiente. Nunca é o suficiente, pensava enquanto a observava, também fingindo desinteresse. Sim, você pode ficar, dizia apenas com o olhar. Por que não dividir suas angústias com ela, por que não desabafar e quem sabe até cair em lágrimas em seu colo? Não, isto seria demais, detestava incomodar os outros e dividir suas preocupações. Acreditava que cada um devia cuidar de sua vida, não acreditava no acaso ou na sorte. Cada um tem a sua sorte, filosofava, eu tenho a minha e o mundo tem a dele; entendia por mundo tudo aquilo que não habitava seu corpo e sua mente egoísta, que geralmente se preocupa apenas com as sensações e necessidades do próprio corpo.

Ao pé da cama ela o aguardava, sabendo que provavelmente ele estaria cavalgando por caminhos filosóficos, porém atento às possíveis imprudências de suas atitudes. Ela espera uma brecha, um instante, um momento de distração. Quando ele vai abaixar a guarda, quando vou penetrar em sua fortaleza, por que tudo acontece tão rápido? Tais pensamentos a cercavam, no entanto ela tinha consciência que somente de

forma muito sutil ganharia terreno. Sabia que era tarefa árdua, e não teria graça se assim não fosse. Ele fala, dirige a ela algumas palavras, mas são apenas meros atentos, nada que cause impacto, nada que mexa com suas paixões ou abale seu mundo. Nenhuma gota de loucura, nenhuma ponta de insanidade, nem um pouquinho de insensatez. Às vezes é melhor o silêncio, pensava, às vezes é melhor não ter nada a ter um pouco, pois no nada a esperança é maior...



Na vida é preciso bastante concentração e disciplina para não se perder o rumo, o foco de nossos objetivos. Ele já sabia disso, ou melhor, tinha conhecimento, porque sabedoria é quando se coloca o conhecimento em prática, e este era o seu “Calcanhar de Aquiles”, descobrir qual o caminho para se chegar à prática. Será que é pura e simplesmente partir de um ponto nulo e criar algo sem muito planejamento e expectativa ou é preciso planejamento, estudo e análise? Será que ele seria mais uma dessas pessoas que falam, falam e não dizem nada? Será que no fim ele vai dizer que podia ter feito ou vai encher o peito e dizer que fez, ainda que o resultado não tenha sido satisfatório? O problema é a expectativa, o excesso de expectativas... Mas o que seria da vida sem as expectativas?

Na parede do quarto jaziam seus heróis, dentre músicos, escritores, poetas, filósofos e mentes revolucionárias. Todos morreram de overdose, seja de exagero ou abuso de substâncias tóxicas, pensamentos, ideias ou tomadas de atitude. O que move o mundo são as overdoses, conclui, são elas que vão contra a corrente, que possibilitam a evolução da humanidade, que tiram a sociedade do marasmo. Sim, todos realmente morreram de overdose, porque o mundo nota quem as tem, porque tais indivíduos são perturbadores da ordem, são uma desgraça para a sociedade, são uma desonra às tradições e aos bons costumes. Quem quiser que se acostume, responde ele a suas divagações. Já é tarde demais para morrer cedo e sou jovem demais para morrer agora, filosofava ainda confuso diante das transformações e da desordem de seus pensamentos.

Diana continuava lá, como uma deusa esperando por um chamado, cortejando a insanidade da razão. Não se importa em esperar, parece que tem a eternidade inteira pra isso. Como uma raposa, está só esperando a hora certa para atacar. Ela sabe que o momento ideal é muito importante, que a precisão da investida é fundamental. Diana tem sonhos, mas não deixa de viver a realidade, não descansa um segundo! Quase que

ingenuamente tem a sapiência dos grandes, sabe o valor do tempo, sabe o valor que a vida tem. Ama o que é, ama o que faz, ama a sua condição, porque ama as suas escolhas; por isso brinca com a seriedade e leva a sério as brincadeiras. E por isso está ali de tocaia, mais se tranquilizando com a situação do que se impacientando, como qualquer mortal o faria. Mas Diana não era uma simples mortal...

Quanto mais o tempo passava, mais ele tentava quebrar as correntes que o aprisionavam em seus pensamentos. Cada dia a mais é mais um dia a menos, pensava, preciso agir! Suas ideias não eram mais simples devaneios ou delírios, tomaram corpo, criaram alma e voz, precisavam ser berradas, escarradas se preciso – o mundo precisava saber, ainda não era tarde demais. Tinha que continuar e transmitir seu recado, uma mensagem ou seja lá o que fosse. Precisava saber o resultado.

Mas havia Diana. Ela não se contentaria com uma simples desculpa, era inteligente demais para ser subestimada. Como dizer de forma sutil algo que deva ser dito diretamente? Como machucar só um pouco? Como não fazer, fazendo? Os momentos complicados da vida não têm esse nome à toa, nem tudo dá para simplificar. Pensava na reação dela, estaria preparada, seria um impacto muito grande para Diana? Ela tinha nome de deusa, será que teria também um coração divino? Sua voz era colírio para seus ouvidos, sua pele o seu descanso, seu colo a sua casa. Será que valia a pena tanto esforço? Ele ainda não tinha respostas, teria que procurá-las, sentia que só na prática as alcançaria.

Diana percebeu que havia algo de errado no ar. O semblante, o semblante dele perdera altivez, isso era bastante raro e não era nada bom. Teve um mau pressentimento, como há muito não sentia; percebeu que era chegada a hora, mais por necessidade que por vontade. Gostava de deixar a emoção e os sentimentos guiarem sua vida, mas em momentos como este sabia que era necessário usar a razão. E foi num misto de razão e emoção, de sentimento e atitude, de sim e não, que ela encheu o peito e disse com uma firme doçura: “Eu vou com você!”.

Por esta ele não esperava, ela que sempre esperou o sinal verde dessa vez avançara ainda no vermelho. Situação inusitada, agora não teria escapatória, o diálogo era inevitável. Por mais que fingisse não ser nada, por mais que evitasse tais momentos, eles eventualmente aconteciam. São provações, são testes, pensava consigo, e não deixava de estar certo. Quando a velocidade do raciocínio finalmente se rendeu à realidade do tempo, ele retrucou: “Você por acaso sabe aonde vou, se vou ou quando possivelmente iria?”.

– Não me interessam os porquês, só sei que vou com você – ela não caíra em sua armadilha, estava realmente determinada. Não deixou de sentir certo orgulho de si mesma, porém a preocupação em seu rosto era evidente. Percebeu também que era inútil ficar discutindo ou filosofando naquele momento, pois ele já havia tomado sua decisão, assim como ela. Diana sabia que podia confiar nele, que qualquer coisa que fizesse teria um fim nobre, seria em benefício dos outros e não apenas de si próprio. Conhecia-o bem, por isso decidiu acompanhá-lo, antes mesmo de saber qual seria o destino. Mas precisava que ele também confiasse nela, que sentisse que estava preparada para qualquer empreitada, que da mesma forma procurava ansiosamente colocar em prática tudo que aprendera com seu mestre.

– Diana, você sabe que tenho uma missão a cumprir, nunca escondi nada a respeito, muito pelo contrário. Minha vida é um livro aberto, inclusive você escreveu algumas páginas nele, só não sei se nas próximas linhas eu poderei contar com sua companhia.

– Você sempre soube que eu teria que completar minha jornada, só não sabia qual seria. Na verdade, nem eu, foi há pouco tempo que avistei o fim da estrada, não o conheci sempre. Conhecia o caminho, mas há uma grande diferença em conhecer o caminho e percorrer o caminho. Preciso percorrê-lo agora, preciso da alquimia de transformar a teoria em prática, de converter o conhecimento em sabedoria. Minha missão é bem simples, e por isso um tanto perigosa e até um pouco assustadora. Não sei se devo envolvê-la nisto, mas também não posso interferir em tua decisão, já tens o discernimento necessário para tomá-la sozinha.

Ela estava concentrada e o ouvia pacientemente. Deve ser algo realmente importante, pensava, ele não costumava se alongar desse jeito. Chegara a hora realmente! Sempre soube que este dia chegaria, porém nunca soube se o acompanharia até aquele instante, onde reinava o silêncio e ela o quebrou. A frase que disse veio direto do coração, correu seu sangue, percorreu as veias até o cérebro e saiu em forma de palavras, com uma certeza poucas vezes sentida em sua existência. Não tinha a menor dúvida, precisava acompanhá-lo; mas não podia interrompê-lo naquele momento, poderia ser fatal para o desenlace final da conversa. Então se concentrou novamente e apenas consentiu com a cabeça, para que ele continuasse.

Os pensamentos fluíam, voavam à velocidade da luz, entrelaçavam-se uns nos outros, o cérebro não acompanhava direito, as palavras não saíam da boca. É como se estivessem em dimensões diferentes, em realidades paralelas, o pensamento e a palavra.

Mil coisas vinham à mente, não sabia por onde começar. Na verdade, isto é sempre a maior dificuldade, o início, o primeiro passo, o primeiro tijolo a ser colocado, porque o mundo das ideias é tão vasto, gigantesco, infinito. Enfim, ele continuou:

– Quero colocar tudo em prática, os princípios filosóficos, os religiosos e altruístas, os ditos populares, as implicações acadêmicas e científicas. Não quero provar nada com isto, apenas constatar que tudo é possível. Quero ajudar as pessoas a perceberem que não existe certo ou errado, mas sim diferentes formas de pensar e agir, e que de maneira geral todas têm a mesma finalidade. E quero fazer isso sem qualquer hipocrisia, sem levar em conta a opinião dos outros, sem avaliar riscos e situações, sem pensar muito antes de agir, ou seja, agir de acordo com a intuição, agir com o coração. Sei que me arrisco desta forma, mas os Grandes Homens da História assim também o fizeram, todos em determinado momento de suas vidas resolveram quebrar as correntes, se libertaram das amarras e dos códigos e regras da sociedade, criaram novos padrões ou partiram por um novo caminho. Se não tivessem existido tais homens não haveria a evolução da espécie, talvez ainda estivéssemos nas cavernas ou algo parecido. Quero fazer parte desse grupo não por fama ou apenas por vontade, mas por uma necessidade assustadora – concluiu o mestre.

Diana não sabia o que dizer, estava boquiaberta. Não sabia se batia palmas, se dizia o quanto o admirava e o quão louco era, não sabia se permanecia em silêncio. Só sabia que o que já era certeza virou duas vezes certeza. Passou um filme em sua cabeça, lembrou-se de quando o conheceu, de como foi acolhida por ele com carinho e sabedoria, de todas as dificuldades e momentos complicados que passaram juntos. Tudo valera a pena! Um grande fim (ou um novo começo?) se aproximava, e para ela não importava se teria final feliz ou não, pois ambos tinham a certeza em seus corações, ambos tinham força, fé, coragem e amor em suas entranhas, e quando se têm isto até a derrota faz parte da vitória.

Sempre onde há luz, há sombra, ele sabia bem disso. Tinha certeza do caminho que escolhera, e por diversas vezes teve a sensação de que fora o caminho que o havia escolhido. Iria percorrê-lo com fé e determinação, mas sabia que não teria todas as respostas antecipadas, todos os perigos sinalizados, como numa autoestrada. Sabia que as coisas não funcionam assim, e não agiria somente com cem por cento de certeza ou com medo dos riscos, como a maioria das pessoas. Jamais ficaria em cima do muro, nem abaixo dele: o atravessaria sem pestanejar, por mais difícil que pudesse parecer. Não idolatrava a ilusão do conforto, não era acomodado, não se conformava diante das

dificuldades nem fazia delas a desculpa perfeita para não agir. Não, ele queria mais, tinha uma mensagem a transmitir, havia um propósito em sua vida. Porém havia algo que o afligia, era o modo como as pessoas receberiam a mensagem e o quão dispostas ou abertas estariam para tal. Pensava bastante no assunto, mas não havia filosofia ou teoria que trouxesse alguma resposta ou alívio, teria realmente que ver na prática. Iria aprender tentando ensinar.

## Capítulo 2

A chuva caía incessantemente, trazendo consigo o frio, como se quisesse amedrontá-lo ou afastá-lo de seu objetivo. Mas ele não tinha medo, desde que sua fé tornou-se inabalável tal sentimento deixou de existir, não havia espaço para um enquanto houvesse o outro. E não se tratava de uma fé cega, uma coisa de momento ou uma “fé de aluguel”: o que ele presenciara em sua vida foi o verdadeiro milagre da fé, a fé em si mesmo, a fé no caminho que escolhera. Poderia haver dúvidas, medo não.

Seu quarto já não era suficiente, aquelas paredes não o segurariam mais, sua casa já não era o bastante. Precisava seguir adiante, por isso virou-se para ela e disse firmemente: “Se estás preparada, se sentes certeza em teu coração, acompanha-me”. E foi assim que saíram juntos rumo ao desconhecido, porém conhecendo bem suas verdades e seus corações.

Mal deram os primeiros passos, ele parou diante da porta do vizinho, batendo-na levemente. Logo depois uma voz rouca pergunta quem é, surgindo em seguida no corredor do prédio, antes de receber qualquer resposta. Poucas vezes em anos eles viram aquele senhor de meia idade e cabelos grisalhos.

– Como vai senhor, não sei se lembra de mim, sou seu vizinho aqui do lado. Precisa de algo? Na verdade só passo pra desejar um bom dia e oferecer meus serviços, caso precise – disse.

O senhor não sabia o que dizer nem o que pensar. Tanto cavalheirismo não era comum de acontecer em tempos atuais, começou a ficar desconfiado; e se fosse um golpe, e se o tivessem espionando, se estivessem planejando assaltar sua residência. E foi com o pensamento torto que respondeu secamente um “não, obrigado, até logo”, batendo a porta abruptamente.

Diana olhou-o num mix de incompreensão, admiração e revolta enquanto se afastavam da casa do vizinho, e ele rapidamente começou a explicar sua atitude: “Isto faz parte da missão, ser educado, gentil e altruísta, agir sem esperar nada em troca, nenhuma recompensa, nenhuma permuta. Agir desinteressadamente, sem segundas intenções, preocupar-se com o bem estar do próximo, e do distante também. Compreender qualquer reação e respeitá-la. Teoricamente seria uma tarefa simples e trivial, acaso não estivéssemos numa cidade grande, onde tais coisas não fazem mais parte do cotidiano das pessoas. E é mais ou menos isto que quero transmitir a elas, que é possível nos tratarmos de forma mais carinhosa e gentil independente do mundo em que vivemos, que é nossa missão reeducar o universo das relações humanas”.

Ela compreendeu, novamente admirou e não mais se revoltou. Era perfeitamente aceitável a reação daquele senhor que atendeu à porta, pois esse não era o seu universo. Ele não tinha culpa, pensou, mas no fundo a culpa é de quem, de quem domina ou de quem se deixa dominar? Quem realmente obtém o poder? Qual seria o ato mais poderoso, manter uma dominação ou transformá-la em liberdade? Estes questionamentos faziam Diana refletir e sentir orgulho de fazer parte de algo grandioso, algo que pudesse dar sentido e propósito a qualquer existência. Já aprendera bastante desde que encontrou o mestre, e sempre havia algo mais a conhecer, a explorar, a vivenciar. Sabia que a mente precisava estar em constante evolução e funcionamento, e que quem diz saber tudo, provavelmente não sabe de muita coisa. A estrada só termina quando realmente acaba, e não somos nós que damos fim a ela, pensava em tom de humildade.

Ele tinha carro e situação financeira de certa forma confortável para se locomover de táxi, porém frequentemente viajava de ônibus, gostava de estar entre as pessoas, de observar suas ações e reações. E finalmente fez algo que sempre quis fazer, mas que ainda não era chegado o momento: como de costume, cumprimentou o motorista e o cobrador, desta vez indo além, deu bom dia a todos os passageiros do veículo e sentou-se lá atrás, no último banco. Pouco a pouco foram surgindo os primeiros cochichos, inicialmente entre as duplas que dividiam o mesmo assento e depois em grupos de três ou quatro. Uns comentários foram em tom de desaprovação, outros em tom de surpresa agradável (a maioria feito por senhoras idosas), teve gente que apenas retribuiu com um sorriso e alguns o consideraram maluco. Mas independente da opinião ou sensação de cada um sobre o ocorrido, todos tinham uma certeza, algo diferente aconteceu naquele momento. E não foram as interrupções



corriqueiras de vendedores ambulantes ou pedintes de qualquer sorte, foi alguém que simplesmente cumprimentou um a um e desejou despretensiosamente que cada pessoa ali presente tivesse um bom dia pela frente.

No fim de mais uma surpreendente ação, Diana sentou-se ao seu lado, observando o murmurinho que havia se formado dentro do veículo. Instintivamente repetiu o gesto dele, fazendo parte diretamente da experiência, sendo também um agente ativo daquela ação. E gostou, Diana gostou do que sentiu, porque uma coisa é assistir e contemplar uma ação admirável, outra coisa é participar dela. Apesar de parecer algo simples a ponto de deixar alguém extasiado, aquilo mexeu bastante com ela, pois aprendera que é na simplicidade que se encontram os segredos e grandes mistérios da vida. Sim, teve essa lição com o mestre, e agora ele lhe dera a oportunidade de senti-la na prática.

Desceram do ônibus ainda sob o olhar perplexo de alguns, indo em direção a uma praça que ficava a três quadras dali. Já nos primeiros passos, ele quebrou o silêncio: “Você percebeu o que aconteceu há pouco? Além da minha real intenção e desejo para com todos, você conseguiu captar o efeito subliminar do ato em si?”. Um gesto simples, porém impensável, respondeu Diana, no que ele se apressou em acrescentar: “Sim, um gesto simples, mas que ao se concretizar provocou ao menos uma coisa: comunicação”. Diana estava atenta, ele continuou:

– Quando não compreendemos algo, tendemos a nos expressar, nem que seja com um desconhecido, alguém que esteja ao nosso lado no momento.

– E quando nos comunicamos existe a possibilidade de haver harmonia e quiçá até o surgimento de novas amizades. Quantas amizades que temos hoje não surgiram de comentários ao acaso? Como nascem as amizades, senão através da comunicação? Ninguém olha para uma pessoa e diz que vai ser amigo dela sem ao menos escutá-la, saber o que ela tem a dizer.

– Pois bem, este também foi um intuito do ato, de quem sabe ter incitado o surgimento de uma nova amizade, um vínculo que talvez não possa ter se consolidado hoje, mas que uma semente já possa ter sido jogada ao vento – completou o mestre.

### Capítulo 3

Já era perto do meio-dia quando eles chegaram na praça. O local era grande, bastante arborizado e com alguns animais silvestres à solta, como cotias, coelhos, patos e outras aves, além de um curioso pavão. Porém os simpáticos animais não eram o motivo da visita, havia também alguns transeuntes humanos, pessoas que às vezes passavam quase o dia todo naquele lugar, muitos por não ter para onde ir e outros porque simplesmente moravam nas ruas ou perambulavam sem rumo. E foi justamente na direção destes que ele caminhou.

Assim que percebeu a intenção do mestre, Diana ficou apreensiva. Confiava nele, mas a cidade onde viviam era um tanto perigosa, não seria recomendável sair por aí falando com qualquer um, especialmente moradores de rua e mendigos. Chegou a ter vergonha da sensação de alerta, por um momento duvidou de si mesma e do sucesso da investida. No entanto algo lhe tranquilizou a alma, veio à cabeça a lembrança de conversas que tivera com ele sobre quem eram os verdadeiros bandidos. Será que aquelas pessoas das quais se aproximavam representavam real perigo e eram mais assustadoras do que alguns que regem nossas leis ou outros que enriquecem às nossas custas? Seria correto julgarmos e condenarmos alguém pelo seu cheiro ou pela roupa que está vestindo? Imediatamente após esses questionamentos, lembrou-se também de outro fato que viera ao seu conhecimento recentemente: um casal estava num restaurante com seu filho de três anos quando de repente se aproximou do vidro um mendigo e ficou brincando com o pequeno. A criança retribuiu à brincadeira fervorosamente, meio que se libertando do tédio em que se encontrava, o que começou a incomodar os pais, que logo notificaram o garçom sobre o que estava ocorrendo. Este por sua vez comunicou o segurança do estabelecimento, que em seguida tratou de enxotar o indigente do local. Ao ver a cena, a criança saiu em disparada, driblando aquele que maltratava o seu amigo e indo direto para os seus braços. Todos ficaram paralisados, não sabiam o que fazer; os pais se dirigiram à porta do restaurante, já esperando pelo pior. Então o homem, com o pequeno no colo, aproximou-se deles e proferiu as seguintes palavras:

– Está tudo bem, tudo bem, vá com os seus pais, você é uma criança muito especial – disse o mendigo, dirigindo-se ao pai em seguida.

– Muito obrigado, o senhor me proporcionou um dos momentos mais felizes de minha vida, esta é uma criança abençoada, cuide bem dela, boa noite.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

